

**O GOSTO PELO RIGOR:
ENTREVISTA COM MICHELINY VERUNSCHK**

Por Solange Fiuza Cardoso YOKOZAWA e Antônio Donizeti PIRES

Vivendo atualmente na cidade de São Paulo, a pernambucana Micheline Verunschik publicou dois livros de poesia em 2003: *O observador e o nada* (Edições Bagaço) e *Geografia íntima do deserto* (Landy). O primeiro é um longo poema narrativo assinalado pelo *nonsense*. O segundo foi finalista do Prêmio Portugal Telecom e mereceu o endosso crítico de João Alexandre Barbosa, que destaca, em prefácio do livro, o fato de essa ser uma poesia da intimidade, mas não intimista ou de intimidades. Verunschik tem prontos para publicação um livro de poesia intitulado *A cartografia da noite* e ainda o romance *Nossa Teresa*. A seguir, a autora, entrevistada pela *Textopoético*, fala, com a objetividade e a exatidão que são também peculiares à sua poesia, sobre seu processo criativo, suas principais influências, o leitor, a poesia contemporânea em sua relação com a modernidade, entre outras questões afins.

1. Bandeira se reconhecia um poeta inspirado. Cabral procurava anular a inspiração. Como é o seu processo criativo?

Acredito que o que se chama de inspiração é, na verdade, o resultado de um processo de maturação. Não acredito na inspiração como um sopro divino, mas penso que a mente criadora trabalha incessantemente, às vezes de modo consciente, às vezes por vias inconscientes. Então, o que se pensa ser um poema inspirado é fruto de um longo trabalho. Trabalho que pode mesmo durar anos.

2. Quais são as principais memórias de leitura de poesia que remontam à sua infância e adolescência? E qual o papel delas na formação da poeta Micheline Verunschik?

Os primeiros poetas com quem travei conhecimento foram Casimiro de Abreu e João Cabral de Melo Neto. Casimiro me deu um olhar pessimista e uma visão peculiar da morte, tema muito presente na minha poesia. Cabral me deu o gosto pela exatidão, pela palavra empregada com rigor.

3. Você defendeu, em 2006, na PUC-SP, uma dissertação sobre a poesia de João Cabral e Sophia de Mello Breyner Andresen. Leyla-Perrone Moisés, em *Altas literaturas*, diz que um escritor crítico, ao escolher certos escritores do passado, estabelece, funda sua própria tradição. O que você busca nesses poetas que sua poesia prolonga ou reinventa?

Sophia e João têm em comum o fato de criarem com a palavra poética coisas, territórios, realidades. São poetas profundamente ligados à experiência do real. É o que busco em minha poesia, criar mundos.

4. Em 2003, você lançou *O observador e o nada* e *Geografia íntima do deserto*. São dois livros que visivelmente representam projetos poéticos diferentes. Você trabalha sempre com a idéia de projeto ao escrever um livro?

Como acredito num projeto de poesia profundamente consciente de si e das escolhas que toma, meus livros são pensados, elaborados, lapidados tendo em vista um projeto estético, de linguagem e de temas em comum. Entretanto, todos eles, por mais dessemelhantes entre si que possam parecer, têm “pontes”, elos, sinais que indicam sua filiação.

5. Você tem prontos para publicação um livro de poesia, *A cartografia da noite*, e um romance, *Nossa Teresa*. Poderia falar um pouco sobre a proposta desses trabalhos?

***A cartografia da noite* faz parte de um projeto inicial que previa uma trilogia (da qual o *Geografia íntima do deserto* seria a primeira ponta). Não sei se desisti da trilogia, mas por enquanto ficamos com esse dueto, visto que o próximo livro de**

poemas (no qual trabalho agora) chama-se *Outra arte* e se afasta bastante desse projeto que engloba o *Geografia* e *A cartografia*. De resto, esses dois dialogam (desde o título, como se pode perceber) até um certo jogo de claro-escuro, de linguagem e de temática, afinal a noite e o deserto, em alguns momentos, podem ser compreendidos um como metáfora do outro. Alguns poemas que não couberam em *Geografia* acabaram por aparecer em *A cartografia*, enfim...

Nossa Teresa é uma aventura de fôlego, embora seja uma prosa pequena, o que antigamente se chamaria de novela. É um romance escrito por um poeta, com a acuidade que um poeta tem com relação ao jogo de palavras e imagens, mas não se trata, em nenhum momento, de prosa poética.

6. Qual a diferença entre se expressar em verso e em prosa?

A poesia permite a existência de mundos condensados. A prosa, ainda que enxuta, requer mais enfeites, mais espaço. A poesia pode conter um universo no tempo de uma inspiração/expiração. A prosa requer fôlego.

7. Seu *Geografia íntima do deserto* contou com o respaldo de João Alexandre Barbosa, que prefaciou o livro, e foi finalista do Prêmio Portugal Telecom em 2004. Há dissertações, tese e artigos sobre sua poesia. Você, uma jovem poeta, já conta com uma recepção crítica bastante significativa, se considerarmos a sua obra ainda pequena em extensão. Qual o papel da crítica para sua poesia e para a poesia brasileira contemporânea?

A crítica deve servir como bússola, como referencial, especialmente numa época tão fértil de autores. A crítica, em geral, me oferece novos olhares sobre minha própria escrita.

8. Nota-se, em *Geografia íntima do deserto*, uma sensualidade na representação dos objetos. Essa sensualidade se configura como um traço de sua escrita ou é característica desse livro?

Acredito que é mesmo uma marca forte do *Geografia*, o que não significa que não retorne a esse traço em outros trabalhos.

9. Sua poesia propõe um diálogo direto com a pintura, em poemas como “Vincent” e “Frida”, mas há também uma relação intrínseca entre seus poemas e a arte pictórica, no que se refere à obsessão pelo olhar, à representação da realidade exterior. Como vê essa relação entre sua poesia e a pintura? Tal relação também seria herdada de João Cabral?

Não necessariamente. Sou alguém que desde a infância “se move” pelo olhar, ademais me interessa o diálogo entre os gêneros e expressões artísticas, tanto que atualmente escrevo um livro intitulado *Outra arte*, em que as relações entre minha poesia, a pintura, o cinema e outros autores é aprofundada.

10. Houve um momento em que os poetas, como é o caso de Mallarmé e dos simbolistas que ele precedeu, deliberadamente optaram pelo afastamento do público mediano e pela preferência por uma recepção mais restrita e seleta. Como você vê a relação entre poesia contemporânea e público mediano no Brasil?

Acredito que no Brasil há uma proximidade até mais afetiva entre o leitor e o autor. Não sei se é um fenômeno que remete ao conceito de nação cordial de que fala Sérgio Buarque de Hollanda ou se isso se dá mesmo pelo apelo crescente das redes sociais. Não tenho dados para inferir. No entanto, embora saiba que a poesia tem o seu quinhão de elitização, me incomoda a ideia de que possa ser um biscoito fino para poucos. O autor britânico contemporâneo Ian McEwan, tem um romance chamado *Sábado* em que um confronto dramático e violento entre gerações e realidades sociais e econômicas ganha uma pausa comovente graças a uma poesia declamada por sua jovem autora num estado de nudez absoluta. O diálogo (e o vínculo) que a poesia estabelece naquele momento entre um agressor e suas vítimas é algo que talvez possa dar pistas sobre o papel que ela, a poesia, deva ter no mundo contemporâneo.

11. Nota-se uma diversidade muito grande na produção poética brasileira contemporânea. Mas é possível, em meio a essa diversidade, pensar alguns

denominadores comuns entre os poetas novos. Se essa observação procede, que linhas de força mais lhe chamam a atenção na nossa poesia contemporânea?

Tenho estado em falta com minha geração. Embora leia muito meus contemporâneos, tenho me voltado para o estudo mais apurado de poetas de gerações passadas. De todo modo me agradam muito a concisão de Virna Teixeira, o apurado rigor de Claudio Daniel e Wilson Bueno (recentemente falecido), a polifonia de vozes de Jamesson Buarque, entre outros.

12. Como pensa a relação entre a poesia brasileira contemporânea e a tradição moderna?

Nossa contemporaneidade literária é moderna em seu cerne. Nossos temas, nosso interesse no diálogo e na interrelação entre os gêneros reside na modernidade. Não a superamos e não temos um projeto que a supere. Quando falo de superar não significa descarte, pelo contrário. Quando falo de superação falo de um diálogo que olhe para o passado e aponte para o novo. Não ousamos. Por outro lado, acredito que a Poética se faz de saltos e de pausas. Estamos ainda no tempo de digerir a modernidade, imagino que o que virá depois disso será incrível.

13. E outras tradições, como a clássica e a medieval? Elas fazem parte de suas cogitações poéticas?

Sim, enquanto tema de estudo. Estudo muito. Rumino. Daí a pouco essas referências surgem no meu fazer.